

CONGRESSO

# PFL vê isolamento crescer e já admite 'divórcio'

*Até para Bornhausen, que resiste a votar na oposição, crise pode tirar partido do governo*

CHRISTIANE SAMARCO

**B**RASÍLIA – O PFL não quer ser oposição ao governo do qual participa há seis anos, mas já admite a hipótese de ter de se desligar do Palácio do Planalto e assumir uma posição de “independência” em relação ao Executivo. “A situação da disputa no Congresso pode nos empurrar para fora do governo de tal forma, que seremos forçados a fazer o que a gente não quer”, avaliou ontem o vice-presidente nacional do PFL, senador José Jorge (PE).

Depois de passar meses em confronto com o presidente do Senado, Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA), por conta dos rompantes oposicionistas de ACM em episódios como o da votação do aumento do salário mínimo, até o presidente nacional do partido, senador Jorge Bornhausen (SC), adverte que as seqüelas da briga no Congresso serão inevitáveis. Pessoalmente, Bornhausen resiste a votar no candidato do bloco de oposição à presidência do Senado, Jefferson Peres (PDT-AM), mas a pressão interna para dar voto à oposição, na falta de uma alternativa melhor, é crescente.

“O Jefferson é sério, mas não é solução para nós, porque não há espaço para o PFL na oposição”, tem argumenta-

do o senador, em conversas de bastidores. Ao mesmo tempo, porém, ACM e o líder Inocêncio Oliveira (PE), candidato do partido à presidência da Câmara, insistem na conveniência eleitoral de o partido aliar-se ao bloco oposicionista no Senado.

“Continuo a defender que o PFL apoie Peres, até porque ele, assim como eu, não será oposição ao governo na presidência”, ponderou o líder pefelista, depois de almoçar com ACM na residência oficial do Senado. “Inocêncio será independente”, insistiu, em defesa da dobradinha

que pode garantir sua vitória, com os votos da esquerda na Câmara.

**Paralisia** – O temor dos pefelistas é o de que a “paralisia” do partido repercuta muito mal na opinião pública, caso o resultado da guerra na base governista seja a derrota de Inocêncio na sucessão da Câmara, aliada à vitória do presidente

nacional do PMDB, senador Jader Barbalho (PA), na sucessão de ACM.

Não que o partido tenha “jogado a toalha” no caso de Inocêncio, embora reconheça

as dificuldades eleitorais de seu candidato diante do líder tucano Aécio Neves (MG). Menos ainda que a cúpula dirigente esteja muito preocupada com uma eventual derrota de ACM para Jader. Ao contrário, a má vontade de pefelistas ilustres com ACM é grande no Senado e na Câmara, onde ele é apontado como o responsável pelas dificuldades de Inocêncio.

“O problema é que o partido não quer ir para a oposição, mas também não pode ser posto no ‘corner’, apanhando de todo mundo sem reagir”, explica José Jorge. O raciocínio é de que o partido não pode caminhar para a derrota de braços cruzados porque “com humilhação, vai ficar muito feio para o

partido”. Por aí ACM poderá vencer o isolamento e acabar arrastando o PFL para a posição de independência, ainda que a contragosto.

Bornhausen vai tentar evitar este desfecho, mas já alertou a sua tropa de que não existe partido independente com cargos no governo. Nesse caso, os pefelistas teriam mesmo de entregar “os anéis” e não seriam salvos pela presença de um pefelista na vice-presidência da República, o pernambucano Marco Maciel.

“É um cargo independente, que não obriga seu ocupante a ser ‘cupincha’ do presidente da República nem a fazer tudo que o titular quer”, resume José Jorge. (Colaborou Cláudia Carneiro)

**A**POIO A  
PERES ESTÁ  
CRESCENDO  
NO PARTIDO